

STEPHEN KING

i t

A COISA

Tradução
Regiane Winarski

18ª reimpressão



Copyright © 1986 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

It

Capa

Rodrigo Rodrigues sobre layout original

Imagem da capa

Glen Orbik

Revisão

Rita Godoy

Ana Kronemberger

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

K64c

King, Stephen

It: a coisa / Stephen King ; tradução Regiane Winarski. – 1ª ed. –
Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
1104p.

Tradução de : *It*

ISBN 978-85-60280-94-0

1. Ficção americana. I. Winarski Regiane. II. Título

14-13154

CDD: 813

CDU: 821.III(73)-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/edorasuma
instagram.com/edorasuma
twitter.com/Suma_BR

Sumário

Parte 1 — A sombra antes

CAPÍTULO 1: Depois da enchente (1957)	13
CAPÍTULO 2: Depois do festival (1984)	26
CAPÍTULO 3: Seis telefonemas (1985)	48
DERRY: Primeiro Interlúdio	147

Parte 2 — Junho de 1958

CAPÍTULO 4: Ben Hanscom sofre uma queda	165
CAPÍTULO 5: Bill Denbrough vence o diabo (I)	216
CAPÍTULO 6: Um dos desaparecidos: uma história do verão de 1958	245
CAPÍTULO 7: A represa no Barrens	282
CAPÍTULO 8: O quarto de Georgie e a casa na rua Neibolt	312
CAPÍTULO 9: Arrumação	376
DERRY: Segundo Interlúdio	425

Parte 3 — Adultos

CAPÍTULO 10: O reencontro	463
CAPÍTULO 11: Caminhadas	521
CAPÍTULO 12: Três convidados inesperados	595
DERRY: Terceiro Interlúdio	621

Parte 4 — Julho de 1958

CAPÍTULO 13: A apocalíptica guerra de pedras	639
CAPÍTULO 14: O álbum	679
CAPÍTULO 15: O buraco de fumaça	711

CAPÍTULO 16: A fratura ruim de Eddie	740
CAPÍTULO 17: Mais um desaparecido: a morte de Patrick Hockstetter	783
CAPÍTULO 18: O estilingue	816
DERRY: Quarto Interlúdio	853
Parte 5 — O ritual de Chüd	
CAPÍTULO 19: Nas vigílias da noite	871
CAPÍTULO 20: O círculo se fecha	955
CAPÍTULO 21: Debaixo da cidade	977
CAPÍTULO 22: O ritual de Chüd	1019
CAPÍTULO 23: Para fora	1055
DERRY: Último Interlúdio	1079
EPÍLOGO: Bill Denbrough vence o diabo (II)	1091

Este livro é dedicado com gratidão aos meus filhos. Minha mãe e minha esposa me ensinaram a ser homem. Meus filhos me ensinaram a ser livre.

NAOMI RACHEL KING, 14 anos;

JOSEPH HILLSTROM KING, 12 anos;

OWEN PHILIP KING, 7 anos.

Crianças, a ficção é a verdade dentro da mentira, e a verdade desta ficção é bem simples: *a magia existe.*

S. K.

“Esta velha cidade é meu lar desde que lembro
Esta velha cidade vai estar aqui bem depois que eu for
embora.

Lado leste, lado oeste, dê uma boa olhada nela
Você anda mal, mas ainda faz parte de mim.”

— *The Michael Stanley Band*

“Velho amigo, o que você procura?
Depois de tantos anos fora você volta
Com as imagens que cultivou
Sob céus estrangeiros
Longe de sua própria terra.”

— *George Seferis*

“Do nada, para a escuridão.”

— *Neil Young*

PARTE 1

A SOMBRA ANTES

“Eles começam!
As perfeições são acentuadas
A flor abre as pétalas coloridas
sob o sol
Mas a língua da abelha
não chega a elas
Elas afundam de volta no solo
gritando
— pode-se chamar de grito
que rasteja por elas, um tremor
enquanto elas murcham e desaparecem...”
— WILLIAM CARLOS WILLIAMS,
Paterson

“Nascido na cidade de um homem morto.”
— BRUCE SPRINGSTEEN

Capítulo 1

Depois da enchente (1957)

1

O terror, que só terminaria 28 anos depois (se terminasse), começou, até onde sei ou consigo saber, com um barco feito de uma folha de jornal flutuando por uma sarjeta cheia da água da chuva.

O barco balançou, quase virou, se endireitou, mergulhou corajosamente nos redemoinhos traiçoeiros e continuou a seguir pela rua Witcham em direção ao sinal de trânsito que indicava a interseção dela com a Jackson. As três lentes verticais de todos os lados do sinal estavam escuras naquela tarde do outono de 1957, e as casas também estavam escuras. Vinha chovendo sem parar havia uma semana, e dois dias antes os ventos também chegaram. Muitas partes de Derry ficaram sem energia, que ainda não tinha voltado.

Um garotinho de capa de chuva amarela e galochas vermelhas corria alegremente ao lado do barco de jornal. A chuva não havia parado, mas estava diminuindo, enfim. Ela caía no capuz amarelo da capa de chuva do garoto, soando para ele como chuva em um telhado de galpão... um som confortável, quase aconchegante. O garoto de capa amarela era George Denbrough. Ele tinha 6 anos. Seu irmão, William, conhecido pela maior parte das crianças da Escola Derry (e até pelos professores, que jamais usariam o apelido na frente dele) como Bill Gago, estava em casa, se recuperando de uma gripe violenta. Naquele outono de 1957, oito meses antes de os verdadeiros horrores começarem e 28 anos antes do confronto final, Bill Gago tinha 10 anos.

Bill tinha feito o barco com que George agora brincava. Ele o fez sentado na cama, com as costas apoiadas em vários travesseiros, enquanto a mãe tocava “Für Elise” no piano na sala de estar e a chuva batia sem parar na janela do quarto.

Depois de três quartos do quarteirão no sentido de quem ia para o cruzamento e para o sinal de trânsito apagado, a rua Witcham estava bloqueada ao trânsito por um fogareiro e quatro cavaletes laranja. Em cada cavalete estava pintado DEPTO. DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY. Atrás deles, a chuva jorrava de canais entupidos com galhos, pedras e pilhas grudentas de folhas de outono. A água primeiro abriu brechas no asfalto, depois arrancou pedaços inteiros, isso no terceiro dia de chuva. Ao meio-dia do quarto dia, pedaços grandes da superfície da rua desciam pelo cruzamento da Jackson com a Witcham como canoas em miniatura. Naquele momento, muitas pessoas em Derry já tinham começado a fazer piadas nervosas sobre arcas. O Departamento de Obras Públicas tinha conseguido deixar a rua Jackson aberta, mas a Witcham estava intransitável dos cavaletes até o centro da cidade.

Mas todos concordavam que o pior tinha terminado. O rio Kenduskeag tinha subido até quase a margem no Barrens e poucos centímetros abaixo das laterais de concreto do canal que o espremia pelo centro da cidade. Naquele momento, um grupo de homens — Zack Denbrough, pai de George e de Bill, entre eles — estava retirando os sacos de areia que haviam empilhado no dia anterior com pressa e pânico. A inundação da véspera e os danos causados por ela pareceram quase inevitáveis. Deus sabia que tinha acontecido antes: a inundação de 1931 foi um desastre que custou milhões de dólares e quase duas dúzias de vidas. Isso foi muito tempo antes, mas ainda havia pessoas vivas o suficiente para lembrarem e assustarem os outros. Uma das vítimas da inundação foi encontrada 40 quilômetros a leste, em Bucksport. Os peixes tinham comido os olhos desse cavaleiro infeliz, três dos dedos dele, o pênis e a maior parte do pé esquerdo. Preso no que restava das mãos dele havia o volante de um Ford.

Mas agora o rio estava baixando, e quando a nova represa da hidrelétrica de Bangor fosse erguida rio acima, ele deixaria de ser uma ameaça. Ou era o que dizia Zack Denbrough, que trabalhava na hidrelétrica. Quanto ao resto, bem, as inundações futuras podiam se cuidar sozinhas. A questão era passar por essa, ter a energia de volta e esquecer. Em Derry, esquecer tragédias e desastres era quase uma arte, como Bill Denbrough descobriria ao longo do tempo.

George parou nos cavaletes, na beirada de uma abertura na superfície de asfalto da rua Witcham. Essa abertura fazia uma diagonal quase exata. Acabava do outro lado da rua, uns 12 metros colina abaixo de onde ele estava agora, à direita. Ele riu alto (o som de alegria solitária e infantil pareceu iluminar aquela tarde cinzenta) quando uma onda na água levou o barco de papel pela cachoeira em miniatura formada pelo asfalto quebrado. A água desesperada abriu um canal que descia pela diagonal, e assim o barco viajou de um lado a outro da

rua Witcham, com a corrente carregando-o tão rápido que George teve que correr para acompanhar. As galochas espalhavam água em jatos enlameados. As fivelas emitiam um som alegre enquanto George Denbrough corria em direção à sua estranha morte. E a sensação que tomou conta dele naquele momento foi amor claro e simples pelo irmão Bill... amor e um toque de arrependimento por Bill não poder estar lá para ver e participar. É claro que ele tentaria descrever para Bill quando chegasse em casa, mas sabia que não conseguiria fazer Bill enxergar do jeito que conseguiria fazer com que *ele* enxergasse se as posições estivessem trocadas. Bill era bom em ler e escrever, mas mesmo na idade *dele*, George era esperto o bastante para saber que aquele não era o único motivo para Bill só ter A no boletim, e nem para os professores gostarem tanto das redações dele. *Contar* era apenas parte do talento. Bill era bom em *ver*.

O barco quase voou pelo canal em diagonal, só uma página arrancada da seção de classificados do *Derry News*, mas agora George o imaginava como uma lancha torpedeira em um filme de guerra, como os que ele via às vezes no cinema de Derry com Bill nas matinês de sábado. Um filme de guerra com John Wayne lutando contra os japoneses. A proa do barco de jornal jogava jatos de água para os dois lados enquanto corria, depois chegou à vala no lado esquerdo da rua Witcham. Um novo jorro de água subia pela abertura no asfalto naquele ponto e criava um redemoinho grande, e pareceu a ele que o barco seria inundado e viraria. Ele se inclinou de maneira alarmante, mas George se alegrou quando se endireitou, virou e desceu rapidamente para o cruzamento. George correu para alcançá-lo. Acima da cabeça dele, um sopro forte de vento de outubro balançou as árvores, agora quase sem o peso das folhas coloridas por causa da tempestade, que naquele ano foi uma ceifeira das mais cruéis.

2

Sentado na cama, com as bochechas ainda vermelhas de calor (mas com a febre baixando, assim como o Kenduskeag), Bill terminou o barco. Mas quando George esticou a mão para pegá-lo, Bill o tirou do alcance dele.

— A-Agora pega a p-p-parafina.

— O que é isso? Onde fica?

— Fica na pra-pra-prateleira do porão quando você está descendo — disse Bill. — Em uma caixa que diz Gu-Gu-ulf... *Gulf*. Traz pra mim, junto com uma faca e uma t-tigela. E uma c-caixa de fu-fu-fósforos.

George foi obedientemente buscar os objetos. Ele conseguia ouvir a mãe tocando piano, não “Für Elise” agora, mas uma outra música da qual ele não gostava tanto; era uma música que parecia seca e barulhenta. Ele conseguia ouvir a chuva caindo regularmente nas janelas da cozinha. Eram sons agradáveis, mas a ideia do porão não era nada agradável. Ele não gostava do porão e não gostava de descer a escada do porão, porque sempre imaginava que havia alguma coisa lá embaixo no escuro. Era bobagem, é claro, o pai e a mãe sempre diziam, e, mais importante de tudo, *Bill* dizia que era bobagem, mas mesmo assim...

Ele não gostava nem de abrir a porta para acender a luz porque sempre pensava (era uma coisa tão idiota que ele não ousava contar para ninguém) que, enquanto estivesse tateando atrás do interruptor, uma garra horrível pousaria de leve sobre o pulso dele... e o puxaria para baixo, para a escuridão com cheiro de terra e umidade e legumes podres.

Idiotice! Não existiam coisas com garras, peludas e cheias de ódio assassino. De vez em quando alguém ficava louco e matava muita gente (às vezes Chet Huntley contava sobre coisas assim no noticiário noturno), e é claro que existiam comunistas, mas não existia nenhum monstro estranho morando no porão. Mesmo assim, a ideia não sumia. Naqueles momentos intermináveis em que ele procurava o interruptor com a mão direita (com o braço esquerdo segurando a maçaneta com força total), aquele cheiro do porão parecia se intensificar até encher o mundo. Aromas de terra e umidade de legumes estragados se misturavam com o aroma inconfundível e inescapável, o cheiro do monstro, a apoteose de todos os monstros. Era o cheiro de uma coisa para a qual ele não tinha nome: o cheiro da Coisa, agachada, espreitando e pronta para atacar. Uma criatura que comeria qualquer coisa, mas que estava particularmente faminta por carne de garoto.

Ele abriu a porta naquela manhã e tateou eternamente em busca do interruptor, segurando a maçaneta com o aperto habitual, com os olhos fechados com força, a ponta da língua saindo do canto da boca como uma trepadeira em agonia em busca de água em um lugar de seca. Engraçado? Claro! Pode apostar! *Olha pra você, Georgie! Georgie tem medo do escuro! Que bebezão!*

O som do piano vinha do que o pai chamava de sala de estar e a mãe chamava de sala de visitas. Parecia música do outro mundo, bem distante, como conversas e risadas em uma praia lotada no verão devem parecer para o nadador cansado que luta contra a corrente.

Seus dedos encontraram o interruptor! Ah!

Eles o viraram...

... e nada. Nada de luz.

Ah, droga! A energia!

George puxou o braço como se estivesse dentro de uma cesta cheia de cobras. Deu um passo para longe da porta do porão, com o coração disparado no peito. Não havia energia, é claro. Ele tinha esquecido. Que porcaria! E agora? Voltar e dizer para Bill que não podia pegar a caixa de parafina porque não havia energia e ele tinha medo de alguma coisa pegá-lo quando ele estava na escada do porão, uma coisa que não era um comunista nem um assassino em série, mas uma criatura muito pior do que os dois? Que a criatura deslizaria parte do corpo podre entre os degraus da escada e agarraria seu tornozelo? Outros poderiam rir dessa fantasia, mas Bill não riria. Bill ficaria zangado. Bill diria: “Vê se cresce, Georgie... Você quer o barco ou não?”

Como se esse pensamento fosse uma dica, Bill gritou do quarto:

— Você m-m-morreu aí, G-Georgie?

— Não, estou pegando, Bill — gritou George na mesma hora. Ele esfregou os braços para tentar fazer os arrepios sumirem e a pele ficar lisa de novo. — Só parei pra tomar um copo de água.

— Então a-anda logo!

Então ele desceu os quatro degraus até a prateleira do porão, com o coração como um martelo quente batendo na garganta, o cabelo da nuca em pé, os olhos ardendo, as mãos frias, certo de que a qualquer momento a porta do porão se fecharia sozinha, bloqueando a luz branca que entrava pelas janelas da cozinha, e ele ouviria A Coisa, algo pior do que todos os comunistas e assassinos do mundo, pior do que os japoneses, pior do que Átila, o Huno, pior do que as coisas de cem filmes de terror. A Coisa, rosnando profundamente; ele ouviria o rosnado naqueles segundos lunáticos antes de ser atacado e ter as entranhas arrancadas.

O cheiro de porão estava pior do que nunca por causa da inundação. A casa deles ficava no alto na rua Witcham, perto do topo da colina, e eles tinham escapado do pior, mas ainda havia água parada lá embaixo que tinha entrado pela velha base de pedras. O cheiro era suave e desagradável, e fazia você querer respirar superficialmente.

George mexeu nas coisas na prateleira o mais rápido que conseguiu: latas velhas de graxa de sapatos Kiwi e trapos sujos de graxa, um lampião de querosene quebrado, dois vidros quase vazios de Windex, uma velha lata achatada de cera Turtle. Por algum motivo, essa lata chamou a atenção dele, e ele passou quase trinta segundos olhando para a tartaruga na tampa com uma espécie de assombro hipnótico. Mas então ele a jogou de volta... e ali estava enfim, uma caixa quadrada com a palavra GULF escrita.

George a pegou e subiu correndo a escada o mais rápido que conseguiu, ciente de repente de que a parte de trás da camisa estava para fora da calça e certo de que isso seria sua desgraça: a coisa no porão permitiria que ele chegasse quase na saída e agarraria a parte de trás da camisa, o puxaria para trás e...

Ele chegou à cozinha e fechou a porta. Ela bateu com força. Ele se recostou nela com os olhos fechados, o suor brotando nos braços e na testa, com a caixa de parafina presa com força na mão.

O piano tinha parado, e a voz da mãe chegou até ele:

— Georgie, não dá pra bater a porta com mais força da próxima vez? Quem sabe você consegue quebrar alguns dos pratos na cômoda se realmente tentar?

— Desculpa, mãe — gritou ele em resposta.

— George, seu bosta — disse Bill no quarto. O tom de voz foi baixo para a mãe deles não ouvir.

George sufocou um risinho. O medo já tinha ido embora; fugiu dele tão facilmente quanto um pesadelo desaparece para o homem que acorda com pele fria e ofegante; que sente o corpo e olha para os arredores para ter certeza de que nada aconteceu, e então começa a esquecer. Metade já sumiu quando os pés tocam o chão; três quartos quando ele sai do chuveiro e começa a se secar; tudo quando ele termina o café da manhã. Tudo some... até a próxima vez, quando, durante o pesadelo, todos os medos serão lembrados.

Aquela tartaruga, pensou George, indo até a gaveta da bancada em que ficavam os fósforos. *Onde vi uma tartaruga assim antes?*

Mas nenhuma resposta surgiu, e ele descartou a pergunta.

Ele pegou uma caixa de fósforos na gaveta, uma faca do cepo (segurando a parte afiada cuidadosamente longe do corpo, como o pai o ensinara) e uma pequena tigela da cômoda da sala de jantar. Em seguida, voltou para o quarto de Bill.

— Q-Que cuzão você é, Gi-Georgie — disse Bill de maneira afável, e afastou algumas das coisas de garoto doente na mesa de cabeceira: um copo vazio, uma jarra de água, Kleenex, livros, um vidro de Vick-VapoRub, cujo cheiro Bill associaria durante toda a vida com peitos encatarrados e narizes escorrendo. O velho rádio Philco estava lá também, tocando não Chopin nem Bach, mas uma música de Little Richard... Só que bem baixinho, tão baixinho que parecia que tinham roubado todo o poder primordial de Little Richard. A mãe deles, que estudara piano clássico em Juilliard, odiava rock-and-roll. Ela não apenas desgostava; abominava.

— Não sou cuzão — disse George, sentado na beirada da cama de Bill e colocando as coisas que reuniu na mesa de cabeceira.

— É, sim — disse Bill. — Não passa de um grande cuzão marrom, você. George tentou imaginar um garoto que não passasse de um grande cuzão com pernas e começou a rir.

— Seu cu é maior do que *Augusta* — disse Bill, também começando a rir.

— *Seu cu é maior do que o estado* todo — respondeu George. Isso fez os garotos rirem por quase dois minutos.

O que seguiu foi uma conversa sussurrada do tipo que significa muito pouco para qualquer pessoa além de garotos pequenos: acusações de quem era o cuzão maior, quem *tinha* o cuzão maior, que cuzão era o mais marrom, e assim por diante. Por fim, Bill disse uma das palavras proibidas (acusou George de ser um cuzão grande e marrom de *merda*) e os dois começaram a rir com descontrole. A gargalhada de Bill virou um ataque de tosse. Quando finalmente começou a passar (a essas alturas o rosto de Bill tinha ficado de um tom arroxeadado que George observou com alarme), o piano parou de novo. Os dois olharam na direção da sala de estar, prestando atenção ao som de arrastar do banco do piano, aos passos impacientes da mãe. Bill escondeu a boca na dobra do cotovelo para sufocar as últimas tosses e apontou para a jarra ao mesmo tempo. George serviu um copo de água, que ele bebeu todo.

O piano recomeçou a tocar “Für Elise”. Bill Gago nunca esqueceu essa melodia, e mesmo muitos anos depois, ela sempre lhe deixava com a pele dos braços e das costas arrepiada; seu coração ficava apertado e ele lembrava: *Minha mãe estava tocando isso no dia que Georgie morreu.*

— Vai tossir mais, Bill?

— Não.

Bill pegou um Kleenex na caixa, fez um som retumbante no peito, cuspiu catarro no lenço, amassou-o e jogou na lixeira ao lado da cama, que estava cheia de lenços amassados do mesmo jeito. Em seguida, abriu a caixa de parafina e colocou um cubo da substância na palma da mão. George o observou com atenção, mas sem falar nem perguntar. Bill não gostava que George falasse enquanto ele fazia coisas, mas George aprendera que, se ficasse de boca fechada, Bill costumava explicar o que estava fazendo.

Bill usou a faca para cortar um pequeno pedaço do cubo de parafina. Botou o pedaço na tigela, acendeu um fósforo e colocou em cima da parafina. Os dois garotos observaram a pequena chama amarela enquanto o vento jogava chuva na janela de tempos em tempos.

— Temos que proteger o barco da água, senão vai ficar molhado e afundar — disse Bill.

Quando ele estava com George, a gagueira ficava leve, e às vezes ele nem gaguejava. Mas na escola, ficava tão forte que falar era impossível. A comunicação era encerrada e os colegas de Bill olhavam para outro lugar enquanto Bill segurava as laterais da mesa, com o rosto ficando quase tão vermelho quanto o cabelo e os olhos apertados por tentar fazer uma palavra sair da garganta teimosa. Às vezes, na maioria delas, a palavra saía. Outras vezes, ela simplesmente se recusava. Ele foi atropelado por um carro quando tinha 3 anos e jogado na lateral de um prédio; ficou inconsciente durante 7 horas. A mãe disse que foi o acidente que causou a gagueira. George às vezes tinha a sensação de que o pai (e o próprio Bill) não tinha tanta certeza.

O pedaço de parafina na tigela estava quase completamente derretido. A chama do fósforo diminuiu e ficou azul ao envolver o palito de papelão, e depois sumiu. Bill enfiou o dedo no líquido e puxou de volta com um ligeiro assobio. Deu um sorriso de desculpas para George.

— Quente — disse ele.

Depois de alguns segundos, ele mergulhou o dedo de novo e começou a espalhar a cera nas laterais do barco, onde ela rapidamente secou e formou uma cobertura leitosa.

— Posso fazer um pouco? — perguntou George.

— Pode. Mas não deixa cair no cobertor senão mamãe vai te matar.

George mergulhou o dedo na parafina, que agora estava morna, mas não quente, e começou a espalhar do outro lado do barco.

— Não coloca tanto, seu cuzão! — disse Bill. — Quer afundar ele no cruzeiro de inauguração?

— Desculpa.

— Tudo bem. Vai d-devagar.

George terminou o outro lado e ergueu o barco nas mãos. Estava um pouco mais pesado, mas não muito.

— Muito legal — disse ele. — Vou sair e botar ele pra velejar.

— É, faz isso — disse Bill. Ele parecia repentinamente cansado; cansado e ainda não muito bem.

— Queria que você pudesse vir — disse George. Ele queria mesmo. Bill às vezes ficava mandão depois de um tempo, mas sempre tinha as ideias mais legais e quase nunca batia. — É seu barco, na verdade.

— *Veleiro* — disse Bill. — Isso aí é um *v-veleiro*.

— Veleiro, então.

— Eu também queria poder ir — disse Bill, mal-humorado.

— Bem... — George se mexeu inquieto com o barco nas mãos.

— Coloca suas coisas de chuva — disse Bill —, senão vai acabar com gr-gripe como eu. Deve pegar de qualquer jeito, dos meus gi-germes.

— Obrigado, Bill. É um barco legal. — E fez uma coisa que não fazia havia muito tempo, um gesto que Bill nunca esqueceu: se inclinou e beijou a bochecha do irmão.

— Agora você vai pegar com certeza, seu cuzão — disse Bill, mas pareceu mais alegre mesmo assim. Ele sorriu para George. — Coloca tudo no lugar. Senão mamãe vai ter um tru-troço.

— Claro.

Ele pegou o material e atravessou o quarto, com o barco precariamente equilibrado sobre a caixa de parafina, que estava inclinada em cima da tigela.

— Gi-Gi-Georgie?

George se virou para olhar para o irmão.

— Toma c-cuidado.

— Claro. — Ele franziu um pouco a testa. Era o tipo de coisa que a mãe dizia, não o irmão mais velho. Era tão estranho quanto se Bill tivesse lhe dado um beijo. — Claro que tomo.

Ele saiu. Bill nunca mais o viu.

3

Agora aqui estava ele, correndo atrás do barco pelo lado esquerdo da rua Witcham. Estava correndo rápido, mas a água estava ainda mais rápida, e o barco estava se afastando. Ele ouviu um rugido profundo e viu que 50 metros abaixo na colina a água na vala estava caindo em um bueiro ainda aberto. Era um semicírculo longo e escuro acompanhando o meio-fio, e enquanto George olhava, um galho seco, com o tronco tão escuro e brilhoso quanto pele de foca, caiu na bocarra do bueiro. Ficou na beirada por um momento e escorregou para dentro. Era para lá que seguia seu barco.

— Ah, merda, merdinha — gritou ele consternado.

Ele aumentou a velocidade, e por um momento achou que conseguiria pegar o barco. Mas um de seus pés escorregou e ele caiu, arranhou um joelho e gritou de dor. Da nova perspectiva do nível da calçada, ele viu o barco balançar duas vezes, momentaneamente preso em outro rodaminho, e desaparecer.

— Merda, *merdinha!* — gritou ele de novo, e bateu com o punho no chão. Isso também doeu, e ele começou a chorar um pouco. Que maneira idiota de perder o barco!